

## **PAPÉIS DA PRISÃO, DE LUANDINO VIEIRA:**

### **DIÁRIO DE UM MILITANTE**

Ana T. Rocha

Centro de Literatura Portuguesa da U. Coimbra

Em 2015 a editorial Caminho deu à estampa *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*, da autoria de Luandino Vieira, organizado por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi em parceria com o escritor. Trata-se de um livro com mais de mil páginas, composto por textos de natureza diversa que Luandino escreveu aquando do cumprimento da sua pena nas prisões de Luanda e no Campo de Chão Bom em Tarrafal de Santiago, Cabo Verde, acusado de “intentar, por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português” (*apud* RIBEIRO *et al.*, 2015: 16).

Os textos compreendidos neste imenso volume apresentam-se sob a forma de fragmentos, cronologicamente organizados. A sua organização e o teor íntimo e testemunhal dos conteúdos permitem-nos acompanhar a experiência do escritor enquanto preso político e ter acesso a um documento histórico pelo que de representativo propõe acerca de um tempo decisivo da história do país, a luta de libertação.

Um e outro destes aspetos unem-se na exposição da militância possível de Luandino entre muros, além da presente na sua obra literária. Sobre esta última, o *Papéis* revela-se, aliás, o “*room of one’s own*”, roubando aqui a expressão a Virginia Woolf, onde essa atividade literária engajada foi pensada e estruturada. A escrita de contos e novelas era a única atividade que permitia ao autor a sua ação no exterior. Como aconteceu através do livro

*Luuanda*, premiado em Angola e em Portugal e que gerou grande polémica entre a massa crítica de posição coerente com a do governo e que culminou numa forte campanha contra o escritor e contra a instituição responsável por uma dessas premiações, a Sociedade Portuguesa de Escritores, que, em consequência do feito, foi assaltada, vandalizada e os seus membros detidos.

O resultado da receção da obra luandina foi estudado e trabalhado pelo autor durante os anos de prisão através de uma consciência aguda em relação às temáticas que este desejava abordar, à linguagem que queria utilizar e ao carácter político que lhe queria incutir: “Estive a pensar e preciso de melhorar a m/ linguagem, elevando-a de modo a poder descrever situações, ambientes e personagens mais ricos e complexos, mas sem a tornar ininteligível ou menos concreta e sem perder a base popular” (*sic*) (VIEIRA, 2015: 151).

Porém, Luandino era conhecedor das limitações que o condicionavam, tal como o comprovou a campanha supracitada. Consequentemente, se o autor escreveu algumas das suas mais conhecidas obras na prisão, a divulgação das mesmas (à exceção de *Luuanda* e dos trabalhos anteriores, como *A cidade e a infância* e *A vida verdadeira de Domingos Xavier*) só aconteceu depois da sua libertação e graças ao modo clandestino como saíram para o exterior e à fidelidade com que foram preservadas por Linda (esposa do escritor), por Don’Ana (esposa de um dos guardas do campo, a quem Luandino comprava bens alimentícios e com quem travou amizade) e Liceu Vieira Dias, que tendo sido companheiro de prisão de Luandino, trouxe consigo algum do material do escritor aquando da sua saída, como o testemunha o *Papéis*: “Veio o Liceu despedir-se. Nervoso e comovido. Disse-me: «Só se me cortarem o braço é que largo a pasta preta!» – quando lhe disse que levava oito anos de trabalho penoso” (idem; *ibidem*: 900).

Nestas circunstâncias, foi a partir dos livros anteriores à detenção e em território estrangeiro que a militância cultural foi possível. Nesse sentido, foi feita uma tradução para o francês da novela *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, por Mário Pinto de Andrade, e realizado o filme *Sambizanga*, inspirado na obra, por Sarah Maldoror.

Atendendo às restrições que mencionámos, pretendemos, nesta exposição, verificar de que modo a militância acontecia na prisão e analisar a filosofia política de Luandino que sustentou a sua resistência. Para tal é necessário reconhecer os dois ambientes prisionais que Luandino experienciou e as

diferenças entre ambos. Referimo-nos à realidade das prisões de Luanda (Pavilhão Prisional da PIDE, Cadeia do Comando Central da PSP e Cadeia Comarcã de Luanda), e à realidade do campo de concentração.

Enquanto recluso em Luanda, o escritor beneficiou das visitas regulares dos familiares e da proximidade com a realidade luandense, pois a entrada e saída de presos evidenciava a agitação que permanecia no exterior e o contínuo abuso nas rusgas que preenchiam as cadeias nas noites de fim de semana. Este êxodo de prisioneiros (com alguns reincidentes), a proximidade entre os reclusos e a permanência em Luanda favoreciam a militância, uma vez que as próprias prisões se iam revelando um mostruário dos motivos pelos quais os presos políticos se batiam, como a violência, o racismo e o abuso, facilitando a revolta dos demais. Este era, aliás, um problema com o qual as autoridades coloniais se confrontavam: a sobrelotação das prisões e seu efeito contrário ao objetivo do sistema prisional fundamentado no discurso lusotropicalista que recusava a existência de revolta nos chamados nativos. Ora, não só a incapacidade dos presídios o contrariava, como a prisão se converteu em motivo de revolta ela mesma, frustrando o “mote da «recuperação» dos «indígenas»”, devido, como explicam Ramada Curto, Bernardo Cruz e Teresa Furtado, à “renovação do ódio que os prisioneiros libertados alimentavam no decorrer do cumprimento da pena e por via dos «prováveis maus tratos sofridos durante os interrogatórios a que foram submetidos»” (CURTO *et al.*, 2016: 199).

Foi em Luanda que Luandino iniciou a escrita do diário, sentindo necessidade de fixar toda essa realidade vedada, por escrito, denunciando a falta de condições, de higiene, a precariedade das prisões e, claro, o comportamento de guardas e diretores, como o conhecido inspetor da PIDE, Francisco Lontrão, que o historiador Fernando Rosas designa, em documentário, como “carrasco do norte de Angola” (ROSAS, 2017). Não constando que Francisco Lontrão tenha sido condenado pelos seus atos, o *Papéis da prisão* funciona para este caso e outros como o documento que não permite o esquecimento dos crimes da História:

Durante esse dia não notei nada de extraordinário, nem durante o recreio. Porém à noite depois das 9 ½, percebi a despeito de tudo estar calmo e de se fazerem apenas os ruídos habituais que o Lontrão estava a «trabalhar», coisa que ele só faz à noite quando é alguma coisa de «interesse» como ele diz.

Cerca das 10 ½ ouvi nitidamente berrar pelo Costa (que estava de turno) e pedir um nome qualquer que não percebi, ouvindo depois o som de pancadas embora o Lontrão feche o gabinete para trabalhar (*sic*) (VIEIRA, 2015: 80).

No Tarrafal, Luandino também expõe a autoridade, como no caso da visita do escritor Manuel Lopes ao Campo, que revela o modo como cada ação simples de Luandino está sempre vinculada à militância, fazendo-a atuar assim que surge espaço para a sua possibilidade:

Às 12h30 minutos, tivemos visita (...) O director: «Este senhor é o escritor cabo verdiano Manuel Lopes» – olho-o com satisfação curiosa (...) Estende-me a mão quando o director numa espécie de golpe de teatro diz: «O escritor Luandino Vieira» – vejo os olhos dele de repente abertos, espanto onde leio satisfação. Aperto de mão. Ele fala pausadamente das razões da visita (...) Dirijo-me de propósito ao Director: «Sr. Director dá-me licença que faça uma pergunta ao Sr. M.L.?». Vejo-o empalidecer por eu ter usado o regulamento, por ter restabelecido as distâncias qdo. ele se esforçava por eu não ser um preso. E o escritor nota isso, essa minha subserviência e retrai-se (*sic*) (*idem: ibidem: 955*).

Contudo, o contexto no Tarrafal é diferente. No campo de concentração, os presos não estavam apenas privados de liberdade, eles estavam essencialmente exilados. Este exílio decorreu do problema da insuficiência das prisões angolanas, mas sobretudo da necessidade de isolar os presos políticos dos demais, para que estes últimos não corressem riscos de “doutrinação”, como justificavam por seu lado, enquanto do outro lado da luta o termo utilizado era o de “consciencialização”.

Este exílio teve como consequência na atividade militante uma alteração no alvo. Se, em Luanda, o alvo era a realidade exterior, no exílio o alvo converte-se no indivíduo ele mesmo. “O Tarrafal é a prisão em mim”, assim afirmou Luandino e assim se comprova nos *Papéis* (*idem; ibidem: 1049*). No campo, Luandino concentrou-se na sua atividade literária e em si próprio. O objetivo era a resistência ao contexto e, nesse sentido, o trabalho de escrita e a rigorosa disciplina que Luandino se autoimpôs foram a grande chave que o susteve.

Se a escrita literária, como já vimos, foi utilizada por Luandino como veículo de militância cultural, a escrita do diário foi executada com a mesma consciência, mas, aqui, mais preocupada com a historiografia do país, como

se compreende, por exemplo, na seguinte passagem: “Custa escrever isto, mas é preciso não atraiçoar a verdade para que o sofrimento de um povo não fique diminuído ou adulterado quando se recolhe como «material»” (idem; *ibidem*: 427).

Além dos fragmentos onde o autor expõe claramente este seu interesse, todo o diário o comprova através do diálogo que nele estabelecia com a sua esposa, para além das cartas que lhe direcionava. O diário testemunha uma entejada e uma militância a duas mãos entre o casal. Linda guardava os escritos do marido e datilografava-os, revelando, por sua parte, a mesma consciência do autor em relação à importância testemunhal dos mesmos.

É neste processo que se une o testemunho à “escrita de si”. A “escrita de si” surge, muitas vezes, como modo de fazer face a mudanças, agitações e momentos de violência, como foram os do século XX, que, por isso mesmo, viu surgir imensa literatura testemunhal consequente desta prática de escrita, como *O ofício de viver*, de Cesare Pavese, escrito no confinamento, *Como se faz uma novela*, de Miguel de Unamuno, escrito no exílio, o *Diário*, de Ety Hellisum, escrito na Holanda invadida, ou os *Cadernos do cárcere*, de Antonio Gramsci.

Segundo Michel Foucault, a “escrita de si” representa, desde os pré-socráticos, um meio através do qual o autor se trabalha a si próprio, os seus pensamentos, sentimentos, ideias e valores, numa prática que o ajuda a construir-se enquanto tal e enquanto ser civil, político e moral. Esta atividade tende a materializar-se em blocos, cadernos e mesmo folhas avulsas, preenchidas por um estilo mais espontâneo, imediato e menos rigoroso.

É uma escrita que funciona, portanto, como instrumento para a construção de uma doutrina pensada e elaborada para fazer face ao contexto hostil, tendo como fundamento o desejo de fazer sobreviver a identidade e os valores do sujeito, isto é, o seu “ser”, ou, se preferirmos, a sua “alma” (termo caro a Tomás de Aquino), ou o “espírito” (termo preferido por Kant) (ARENDETT, 2011: 53). Podemos verificar esse desejo de integridade incorruptível por parte de Luandino, por exemplo, na seguinte passagem do seu diário: “Pelo menos enquanto for possível, viver de maneira a não perder o que já tinha adquirido de bom” (VIEIRA, 2015: 138).

Foucault identifica vários tipos de “escrita de si” e a que cremos melhor adequar-se ao *Papéis* é a *hypomnemata*, designação que diz respeito a textos que

podiam ser (...) cadernos pessoais que serviam de agenda (...) livro de vida, guia de conduta (...) Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinham ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas (...) argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação) ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) (FOUCAULT, 1992: 135).

As citações que aponta Foucault são frequentes neste tipo de escrita e significativas. Estas são resultado da “cultura de si” e da prática do estudo inerente a ela. Ao longo dos *Papéis* encontramos à volta de 120 referências a leituras e citações de autores. As preferências ideológicas, intelectuais e políticas ficam explícitas nessas escolhas. As presenças dos escritores neorealistas portugueses, como Marmelo e Silva ou Carlos de Oliveira, e de Frantz Fanon, Albert Camus, Sartre, Pavese, Garcia Lorca, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Lenine, Tolstói, Gorki, bem como a presença dos companheiros africanos, como António Jacinto, Costa Andrade, Agostinho Neto, Uanhenga Xitu, Craveirinha, Arnaldo Santos, entre muitos outros autores e pensadores, evidenciam não apenas a linha estética que Luandino queria seguir, mas, de igual modo, a sua linha de pensamento.

O pensamento e o conhecimento eram tidos como únicos elementos a que a censura não podia chegar, como explica Luandino em carta para a esposa: “Quanto aos livros que perdeste... um dia compram-se outros; mas se assim não for, também não faz mal: estavam lidos e estudados, estão na minha cabeça e daí ninguém os tira. Mesmo morto, o que sei vai comigo” (VIEIRA, 2015: 736).

Nesta passagem é possível encontrar, além da importância atribuída ao estudo e ao conhecimento, o valor atribuído à serenidade que Luandino buscava face aos obstáculos, ao contexto e aos sentimentos que esse despoleta. Estes princípios lembram a filosofia estoica que reconhecemos serem caros a Luandino na construção da sua conduta de vida no campo. Pese embora o

desmerecimento conferido ao estoicismo por parte de alguns marxistas, aspectos existem onde é possível uni-los.

Se, por um lado, os estoicos creem no determinismo, por outro, como lembra Helmut Fleischer, o “materialismo histórico não parece oferecer qualquer pretexto para uma «construção racional» da história. Muito pelo contrário, apresenta-a de forma inteiramente empírica, até mesmo antifilosófica” (FLEISCHER, 1978: 28). Os estoicos valoram a independência do pensamento e essa como base para a mudança. Os marxistas apoiam-se na dialética que consideram como meio através do qual o homem se compreende parte de um grupo socialmente unido, agindo a partir daí em conformidade com as necessidades e possibilidades desse.

Para ambas as concepções filosóficas, a liberdade está na escolha que se assume depois de se aceitar a realidade. A única diferença estará no modo como se alcança esse conhecimento e na atuação. Para o estoico, a sabedoria e a serenidade são os valores indicados e exigem solidão, para o materialista a ação coletiva é o motor da história e da existência, ou, mais sucintamente, “a mão é o cérebro”, como afirma o Mais-velho de *Nós, os do Makuluso*.

Luandino é claramente materialista e no seu diário é possível compreender a sua confiança na ação consciente do homem:

Leitura do “Pró e Contra a Pílula”. As posições marxistas e católicas estão muito próximas e por motivos opostos! Os marx. acreditam na ciência, os católicos nos homens. Ao fim e ao cabo são os católicos que acreditam que “o homem se faz a si próprio” com aquela confiança na possibilidade de uma vida sexual consciente, planificada, organizada i.e. como uma verdadeira actividade do amor humano? Será possível? (Porquê esta desconfiança marx. nos homens? Porque os conhece bem de mais? (*sic*) (VIEIRA, 2015: 866).

Na argumentação de Luandino valorase a crença no ser humano, na sua consciencialização e, por conseguinte, na sua capacidade de ação e mudança a partir dessa, tema que sempre o acompanha e que é coerente com o seu nacionalismo e com as suas leituras de Fanon, para quem a consciencialização é uma das etapas pelas quais tem forçosamente de passar o intelectual colonizado (FANON, 1961: 217).

O processo de consciencialização é para Luandino a chave de um início e, no tempo de reflexão que a temática lhe merece, o escritor depara-se com as

dificuldades nesse percurso que vê contaminado por comportamentos pequeno-burgueses que encara como alienação, nomeadamente, e para darmos um exemplo, nas atitudes do escritor Mário António, que tenta compreender:

A propósito de um personagem baseado no caso do M[ário] António, sua evolução, sua posição presente (...) transcrevo umas lúcidas partes do ensaio do Luckács para me ajudar a melhor compreender e explicar esse personagem que inevitavelmente criarei: o do peq[ueno] burguês atraído sinceramente para o marxismo mas que subsistindo nele os principais (de base) caracteres do espírito pequeno burguês vai falhar e continuar alienado, procurando tapar essa alienação com uma acção apenas baseada no gesto, na atitude, vazias de conteúdo dinâmico (*sic*) (idem; *ibidem*: 247).

Luandino distinguia, então, a aparência, o gesto, a superficialidade e a simulação do comportamento pequeno-burguês, da ação clara, significativa e que expõe em si própria o objetivo pretendido, ou seja, a ação consciente.

Fica clara no *Papéis* a filosofia marxista adotada por Luandino. Porém, se tivermos de a descrever por tópicos devidamente enumerados, podemos recorrer às quatro lições do narrador de *Nós, os do Makulusu*, escrito em apenas oito dias, no Tarrafal:

Primeira lição: aprendo que cultura não é o que eu estudo nos livros, ou não é só ou não é nada (...)

Segunda lição (...): ser só não chega; é preciso que queiras, que estejas sendo diariamente, que nos deixemos ser (...) é isso mesmo: luta de classes – explorados e exploradores e a consciência de duas peles a baralhar tudo (...)

Terceira lição (...) Os capitães-mores das guerras e entradas no sertão desapareceram, a mentalidade ainda cá está. Desapareceram? (...)

Quarta lição (...) A pele não é o homem, a carne não é o homem – “a mão é o cérebro!” (...) o homem é uma secreção de milhões de células nervosas que não nasce feito e que nunca se faz totalmente, nascendo-se cada dia. O homem mora instalado em debaixo, dentro, por baixo das bissapas de cabelos loiros, negros, lisos, ondulados, crespos, anelados. Aí está e aí vive; e daí, daí só, e da mão que é o cérebro, é que eu posso dizer: irmão (...) Mesmo que essa mão agarre na espingarda velha (...) para matares, daqui a alguns meses, o meu irmão Maninho com a dele na mão, nova (VIEIRA, 1975: 70-73).

Nestas lições vemos como pelo materialismo se compreendia a luta armada enquanto forma concreta da ação afirmativa coletiva, na urgência de “ser”, que, como vimos, se concretiza no “fazer” sobre uma realidade dada,



ou, e para finalizarmos, com uma frase do Mais-velho de *Nós, os do Makuluso*, uma vez mais: “Vida é concreto, resto é morte” (idem; *ibidem*: 74).

Este valor atribuído à concretude, à ação e ao fazer dos grupos humanos é, mais do que uma conceção do mundo, da vida e da história, isto é, mais do que uma filosofia, uma componente essencial da estética da obra do escritor, uma estética marxista, como a designa Adolfo Sánchez Vázquez, incluindo no *Papéis da prisão* – um livro que reflete numa linguagem totalmente afastada dos jogos estilísticos ao gosto burguês, muito utilizados nos diários ao jeito francês e britânico, e que manifesta o movimento dos homens como movimento do tempo histórico e do fazer histórico, reatribuindo a estes e às relações entre eles a responsabilidade da sua existência e do seu saber, não deixando espaço para uma espiritualidade que aguarde futuros provindos de entidades superiores, alheias ao único motor que é a vontade humana.

## **Bibliografia**

- ARENDDT, Hannah (2011). *A vida do espírito. Pensar*. Vol. I. Lisboa: Instituto Piaget.
- CURTO, Diogo Ramada, CRUZ, Bernardo Pinto da e FURTADO, Teresa (2016). “Prisões, reforma prisional e empresas: o 4 de fevereiro”. In CURTO, Diogo Ramada *et al.*, orgs. (2016). *Políticas coloniais em tempo de revoltas – Angola circa 1961*. Porto: Afrontamento.
- FANON, Frantz (1961). *Os condenados da terra*. Lisboa: Ulisseia.
- FLEISCHER, Helmut (1978). *Concepção marxista da história*. Lisboa: Edições 70.
- FOUCAULT, Michel (1992). *O que é um autor?* Lisboa: Vega.
- HISTÓRIA da História África. Os cárceres do império*. Episódio 5, 2017. Realização de Bruno Moraes Cabral. Apresentação de Fernando Rosas.
- RIBEIRO, Margarida Calafete, SILVA, Mónica V. e VECCHI, Roberto (2015). “Papéis críticos avulsos”. In VIEIRA, José Luandino. *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Alfragide: Caminho.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo (1979). *Las ideas estéticas de Marx*. Cidade do México: Biblioteca Era.
- VIEIRA, José Luandino (1975). *Nós, os do Makulusu*. Lisboa: Sá da Costa.
- VIEIRA, José Luandino (2015). *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Alfragide: Caminho.

